



Dir-se-ia que o povo português vive numa apatia geral e num letargo suicida e as forças latentes que impulsionam os povos à conquista de novos rumos políticos e sociais inerentes às necessidades constantes e vitais da sua linha progressiva não advertisse que esta aparente acalmia é a gestação que precede a um despertar mais ou menos violento e brusco. Entretanto, à parte uma minoria de sacrificados e cuja representação máxima está no Partido Comunista Português, a maioria parece viver indiferente à opressão que esmaga Portugal e aos acontecimentos mundiais que, são, contudo, a batalha de dois mundos cujas consequências não atingirá apenas um povo mas sim todos os povos. Ante isto e a primeira febre de anglofobia que já se vai atenuando o povo português não vê nem quer ver as realidades e assiste sem um protesto aos mais variados e equilíbrios da nau governativa do seu opressor - Salazar.

É inegável, porém, quer um imperialismo quer outro tem feito e faz pressão para que o governo português os sirva adentro das possibilidades de contrabando económico, político e estratégico se os planos de guerra são mais ou menos inadmissíveis pela pressa de cada um vibrar o seu golpe certo e vencer. Até aqui nada tem sido revelado; a censura obriga a imprensa a um mutismo feroz mas pelas notícias de actividade diplomática dadas a simples título de cortezia vê-se que os beligerantes não têm despresado o jogo político de Salazar - que é prometer a quem melhor o apoie. É evidente que não lhes interessa Portugal como potência militar mas tão somente por ser a porta e chave do Atlântico e os seus pontos estratégicos de primeira grandeza além de bons portos e abrigos quer aqui quer nas colónias.

Tudo isto, o perigo que já correu ou ainda corre não faz meditar o povo português um segundo. Parece desprezar as oportunidades e seguir o fatalismo do seu D. Sebastião. Apesar da fome, da carência de géneros, do preço excessivo do mais elementar à sua alimentação, de não ter liberdade de saber o que se passa ou de expor o que pensa e o que tem vontade o povo português continua a adorar a Fátima, o futebol, os cortejos folclóricos e a deixar-se arrastar à força para manifestações obrigatórias ao governo e a deixar correr o marfim num encolher de ombros impressionante: "o que se há-de

~ segue na página 3 ~

É o que vos digo. "O Momento" era um jornal sempre a propósito e a momento que os anarquistas aqui publicaram na Cadeia e onde pontificava o E.S., éle e só éle, visto o momento só ser vislumbrado pelo homem... que, pelo andar da carruagem viria a ser o pontífice máximo do futuro...

"O Momento" era característico, nos seus grandes artigos de crítica política à política nacional e internacional só saía bem tendo o "primeiro de janeiro" o a "Vida Mundial", pois, de contrário, não havendo estes ou outros jornais burgueses "o momento" chamava a si... o silêncio que é de oiro e... não se publicava. Isto muito arreliaava o S., sempre à espera de revelações sensacionais que prediassem graves acontecimentos ou revelassem a traição dos stalinistas ao pobre e desgraçado Lênine... coitado, morto bem cedo para desgosto do anarquismo indígena e do S., partidário inglêsifoboco. O certo é que "O Momento" não queria perder o momento e ficava-se nas tintas. Entretanto, no período de relativa liberdade no cárcere o jornal "bulicoso" lá ia saindo mas... veio um director de cárcere arrevezado, de cabelo na ventura e o S. que tinha regalias e desobediência verdadeira tortura celular começa a tremelicar. O pior foi o Director chamá-lo e dizer-lhe que consentia nas regalias e lhe dava outras mas que se afastasse dos seus camaradas. Claro, dizeis, o S. não fez tal... Não, não, não fez!... A primeira coisa a desaparecer foi "O Momento" e a segunda foi o seu afastamento dos camaradas! Pois, se S. prometeu ao Director!... Ninguém tem nada com isso,

- segue página 2 -

GES
PCP

"A FÔRÇA"

VERSOS RUBROS sem planta, sem medo,

"A Fôrça, nada vale, nada presta e nela inserir-se-á muitos erros dignos de palmatória e assuntos que não valem um chave a par de incoerentes.

Porém, possui um valor: é a expressão valorosa da persistência e da sinceridade dum revolucionário que não quebra, não se rende nem se deixa comprimir com regalias no cárcere ou se atemorisa com directores brutais. "A fôrça" tem saído sempre e só deixará de se fazer quando não tivermos papel e tinta ou então o seu autor estiver impositivado por ter as mãos amarradas. Sairá com regalias ou sem regalias como até aqui, mostrando que ser revolucionário é coisa mais transcendente de que apenas julgá-lo ser.

Há pequenas coisas que diferenciam e marcam os autênticos revolucionários; e "a fôrça" é afinal um desses pequenos detalhes que valorizam uma atitude e marcam a diferença dum ideia e de métodos que é necessário frizar e dividir.

Daqui a um mês "A fôrça" entra no seu sexto ano e... continua ard porque é revolucionária.

"O MOMENTO"

pronto! A vida é assim; é na verdade o egrégio anarquista não estava agora para perder as regalias... E, como prometeu... vocês, compreenderem, é feio fugir á palavra dada...

Em conclusão: a tesoura foi-se. Faz lembrar a acção revolucionária de 1910 a 1926. Bombas, greves, protestos, o diabo a quatro. Veio a Ditadura, zás! anarquismo calado mas... se vier liberdade... ninguém os atura.

Quanto ao triste "O Momento", o fúnebre: "De profundis"

Amo a foice e o martelo
Símbolo dos trabalhadores,
Da sua luta e labores
E a sua luz radiosa,
Na senda da Revolução
Palmo a palmo conquistada
Pela legião sagrada
Da ganga gloriosa



Milénios já são passados
Dessa luta de raízes,
Filha de todos os países
E com fundos seculares:
De Spartacus e dos Fracos,
De Roma, império antigo,
De Constantinopla até Vigo
E da lusa gente dos mares.

De Bizâncio até Judeia,
Imperava a escravidão
Das glebas; e sem razão
Milhões de seres oprimidos,
De todas as raças e nações;
Mas um dia despertaram,
E pendão rubro arvoraram
Para a luta destemidos.

Já as areias escaldantes
Dêsse milenário Egipto
Tinham presenciado, visto,
Os escravos das pirâmides,
Ao mando cruel dos faraós;
Erguendo à posteridade,
Essa infame crueldade,
Necrópoles de miríades.

Supõe a História, então
Dai nascer a maçonaria;
O recurso que lhes cabia
De secreta sociedade,
- Práticas, símbolos místicos -

Uma ideia de libertação
E abraçada em comocção
Que o sentimento invade.

Os séculos passaram, porém.
Até que novo misticismo,
Chamado o cristianismo,
Teve origem na Galileia

E apóstolo doce Rabi,
Pregaram a igualdade,
E os escravos, na verdade,
Lutaram por essa ideia.

Medo, trevas, ignorância
Da matéria e do porquê
Do que não se conhece, nem vê...
Levov o homem a divagar:

Cria deuses, o paraíso...
Imaginação exaltada,
E felicidade sonhada,
Que não podia alienar.

O mundo já era outro.
E conforme se avançava,
Mister se aperfeiçoava
Deuses, ídolos e moral;

Em conjunto o fetichismo.
Eram apenas variantes
Dos homens sempre amantes
Do progresso, fugir ao mal...

Tudo mentira, vil mentira!
Malditos os santos, Deus cristão,
O profeta, Alhah, o Alcorão,
- Se monstros vis e nojentas!

Como o Deus Braal de Cártago
Famintos de vidas humanas,
De crueldade insanas,
De ferozes instintos bentos!

Nova escravidão nasceu,
De reis católicos e Papas.
Na mão a cruz, no coração forpas.
Torquemada, a Inquisição,
Leiola e vis jesuitas.

Matanças de huguenotes.
S. Bartolomeu; os mais fortes.
Sobre o povo a servidão.

Igreja noventa, infame!
Matando em nome do céu.
Como matou o sábio Galileu,
Vítima da luz, da ciência.

A terra era redonda.
A volta dela outros astros,
As estrelas outros fastos
E vil, a omnipotência!

Veio a Revolução francesa:
O povo em armas levantado.
O mundo feudal baqueado
E destruída a Bastilha
- O símbolo da reacção.

E ao povo não há quem vença.
Desperto p'la Renascença,
E seu fulgor dela filha.

Em etapas consecutivas,
Ganha nova consciência.
O povo deixa a demência,
Vai de progresso em progresso.

Entretanto, - é histórico -:
Da agitação vem a calma.
E nasceu a burguesia,
Novo tirano travesso.

Guerras, as fomes, as pestes:
Trágicos dias da Evolução,
Sucedem-se na cotação
Dos feitos da humanidade.
Napoleão, o grande corso,
Vai morrer a S. Helena.

Voltaire já não inverna
Com Rousseau na irmandade...
Danton, Robespierre, Marat
Lutaram bem até morrer,

E conquistaram o prazer
Do revolucionarismo;
Aliás, improdudente;
Pois, já mandava o burguês
Tirano cruel do camponês
E do jovem comunismo.

Cassim, nasceu a Comuna;
Essa herbílica jornada,
Da ideia não cansada
Do povo trabalhador.

Na luta contra burgueses vis:
Tiranos inconformistas,
As ideias socialistas,
Decoradas com amor.

Foi a Revolução do povo.
Heróica, sangrenta e bela.
Mas não tiveram por ela
O campo. O arco-íris



sem metro e método mas... SENTIDOS.

~ ~ ~ O ambiente português ~ ~ ~

Que o povo, deve ligar
 Nas suas emergências,
 De face às consequências
 Da "Commune," de Paris.

Todo o século desanove,
 Foi fértil em rebeliões,
 Da plebe e dos pendões,
 Rubros do proletariado.
 No total socialista,
 Conjunto já homogéneo
 De consciência e génio
 Em rebeliões formado.

O feroz capitalismo,
 A massacrar os povos;
 A explorá-las, como corvos.
 E da guerra fazendo arte
 E a contento da burguesia,
 A infame e vil corja,
 Que ao poder se arroja
 E que o povo de fome mata.

"República e democracia,"
 Bandeiras demagógicas.
 Como versos, as geórgicas.
 A enganar os famintos.
 Enquanto, o terror campeia.
 A greve responde a bala.
 Contrário à lei que embala
 Os pobres, de sangue tirados.

A traição duns; persistência
 Daqueles que se não vendem.
 Algém até' que os prendem.
 Mas seguem de frente, altivos;
 Renegando os traidores,
 E contra-revolucionários.
 Vendidos a ouro, a vários:
 Da burguesia agentes vivos.

Engls, Marx, "O Capital,"
 O "Manifesto Comunista,"
 Desmascara o derrotista.
 E posição nova define,
 A marcha da Revolução.
 Então a burguesia treme.
 Passam anos, o mundo freme.
 Vem a figura de Lenine.

Guerra. O mundo é um vulcão.
 A carnificina enorme.
 Milhões de vidas consome.
 A Humanidade pulsa.
 Olá desesperos, reacções.
 Acorda o martirizado,
 Do povo brutalizado
 E eis a Revolução Russa.

Finalmente: Liberdade!
 Um novo mundo nasceu!
 O outro, vencido, subverteu
 A infame exploração.
 Estava em pé o Comunismo,
 Esse sonho igual e belo!
 Triunfantes, foice e martelo,
 O símbolo da Revolução!

Salvé! rútila epopeia:
 A poesia do trabalho!
 Junto ao livro, potente malho
 Da pátria socialista.
 Pátria do Bem universal:
 De todos os trabalhadores;
 Da Internacional dos valores
 Que, é a rubra Comunista:

Tens em ti a Revolução,
 A inteligência, o discernir.
 De ti só virá o porvir
 Porque, em ti, há a centelha
 Da hora que se atravessa.
 Já se vê o vitorioso
 Galhardete glorioso:
 Nossa Bandeira Vermelha
 A União Soviética,
 Lá marcha com galhardia.
 Marcando de dia a dia
 O socialismo a primores.
 Nós, com fé, vamos segui-la
 Nesse caminho mais belo.
 Como a foice e o martelo,
 Símbolo dos trabalhadores!

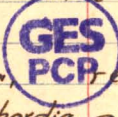
~ ~ ~
 Cárcere.
 Janeiro de 1941
 por mim
 M. S.

fazer?" A falta de estímulo das notícias internacionais no que diga respeito à agitação popular de outros países que em bem previdente altura Salazar corta cerce nos mais variados meios de informação e a falta duma boa imprensa clandestina e de constantes panfletos de incitamento e portadores da verdade, são faltas que mais lançam à indiferença a maioria do povo, subjugado e faminto; fanatisado e adormecido a quem a belo talante o fascista Salazar maneja quasi certo da impunidade e da fraça ou nenhuma reacção do povo.

E o que faz a classe operária? Pouco, muito pouco. Pois o momento é tão importantíssimo que uma acção cujo esforços não comecem desde já arrisca-se a ficar no meio do caminho e a embater com fortes e duros obstáculos. De facto chegou a hora de a classe operária convergir toda para o seu quadrado de combate ajunto com os camponeses. Uma aliança prévia do oficina com o campo e começar imediatamente a acção revolucionária, prémias de outra de mais larga envergadura que vai tomando corpo na escala internacional. Se os operários e camponeses de Portugal não podem fazer desde já a revolução socialista compete-lhes lutar por um governo popular e preparar as condições daquela eclodir ou seguir a rota natural dos primeiros esforços. O povo português sem nenhuma educação socialista é cortado revolucionário suficiente para conquistar os direitos a um governo de democracia popular; a questão é que se lhe abra o caminho - e essa honra pertence a nós, operários comunistas e consciêntes. Sem dúvida, e teimamos, que a primeira coisa desde já seria o reaparecimento do "Avante," cuja difusão havia de ser larguíssima e de molde a corresponder à situação actual.

Fôra dos grandes centros não há actividade revolucionária, e grandes centros em Portugal são apenas Lisboa e Porto; pois ainda mesmo nestes a acção é limitadíssima, frágil, incaracterizada. Os jornais dactilografados, a copiôgrafo, nada são para as massas, não o sentem, não o vêem e meia dúzia de pessoas não é uma multidão.

Temos de envidar todos os esforços para que o "Avante," reapareça pois há 3 anos que não circula. A sua falta di-lo o silêncio das aldeias e cidades de Portugal e a indiferença que lês-a-lês se nota envergonhando-nos e automaticamente dando prestígio a Salazar, infame opressor. E isto, é ainda o pior.



VERSOS RUBROS sem planta, sem mêdo, sem metro e método mas... SENTIDOS.

Explicação prévia: não sou poeta, por incompetência, por ignorância e carência de qualidades para tal. Não será im-
déstia dizer que seria capaz de metreficar mas... falta-nos a
paciência e a heroicidade. Estes pseudo-versos vão tal qual como
nasceram, male e porcoamente. Creio que já tive a honra de ter uma
apaixonada poetisa mas eu... nunca lhe pedi para me ensinar
o metro... se me tivesse sido possível pedir-lhe ia antes uma
coisa mais doce, mais harmónica - um beijo. Infelizmente
nem beijo nem metro e, apesar do Criador ter feito dum costela
de Adão a Eva, isto, as Evas, são aqui fruta proibida - o que las-
timamos de toda a alma, valha a verdade. E assim, ao passar
o oitavo aniversário sem que de Evas nos seja dado provar, o que
dizemos com um grande suspiro, aí vão os pseudo-versos...

~ Oito anos ~

Oito anos de cárcere, em cela fria.
De sofrimento grande e dor bem atroz:
São oito vidas, um século que à porfia
Disputa cruel o sentimento em nós.

Oito anos! Algozes! Como se podia
transformar em mim o que compete a vós?
- Exercer cruelmente a dura tirania, -
Só porque sou operário! E vejo já na foz

dum rio, o seu caudal, furioso bramar,
e nas areias soltas deixar alva espuma,
da fúria da porcela vinda do Oriente...

Edificando então o risinho por vir,
nas vagas sobre vagas da luta. Em suma,
resgatando a dor e o sacrifício da gente!...



No dia 9 do presente mês, Fevereiro, à custa de muitas agruras e sacrifícios
reino, completei vinte e sete anos de pesados - o de Comunista.
idade; e no dia 24 de Janeiro último Não me queixo; só os pusilânimes
oito anos de cárcere. Como há oito se lastimam. Eu dou o meu sacrifício
anos então estamos incomunicáveis, por muito bem empregado se os tra-
com a diferença que naquela data baltadores lucraram com ele e a Orga-
estava nos segredos do Abjube e com nização Comunista se eleva com este
o corpo moído de pancadas; e agora junto a muitos outros que, são afinal,
estamos numa cela de Penitenciária as alavancas primordiais das gran-
a cumprir um castigo de 50 dias e des causas da Humanidade.
com a saúde abatada, frágil. Ao entrar no nono ano de prisão

Entretanto, o ânimo é o mesmo, saudável todos os camaradas militantes
mo e a posição idêntica: - fazer res livres e encarcerados e o nosso herói,
peitar o nome que voluntariamente Partido Comunista Português, juven-
te escolhemos e temos defendido tudes e S.V.I. - Salud. - M.S. -

Proletários de todos os países - Uni-vos!



~ CONTRADIÇÕES ~

O nacional-socialismo alemão não é ape-
nas criação dos grandes potentados da finança
e indústria teutónicas nem tampouco teve só o
apoio de judeus ricos. Por mais que isto peze
aos aliadófilos o nazismo foi também dimenta-
do pelo capitalismo inglês, francês e americano.
Todos se recordam do alarme que em Londres e
Paris causava o crescente movimento comunis-
ta alemão; e, tanto assim, que as eleições de 1933
ao trazerem ao Parlamento de Berlim cento e um
deputados comunistas foram causa de pânico no
meio dos vários imperialismos que, sem hesitar,
ao dar-se o golpe de Estado de Hitler pouco de-
pois apoiaram francamente o nazismo mais por
saberem este acérrimo inimigo do comunismo do
que se importando com o programa revisionista e
vingança que Hitler trazia a lume e ia concre-
tizar timonando a nau do Estado.

Quando o Partido Comunista alemão foi dissolvi-
do, a sua sede assaltada, os seus jornais destruídos
e os seus militantes mortos e caçados como feras
e o terror castanho encheu Berlim de horror, o capi-
talismo cheio de júbilo viu em Hitler o seu Messias
ao mesmo tempo que foguejava as decapitações, su-
silamentos e o crescente aumento dos campos de
concentração. Ao imperialismo interessou mais isto
que a ocupação militar da Renânia, o serviço militar
obrigatório e a corrida vertiginosa hitleriana ao ar-
mamento. Desde aqui até Munich a Inglaterra não
fez mais que apoiar Hitler e incitá-lo muito crente, e
para isso, fazendo esforços, que este se lançasse con-
tra a U.R.S.S. Como Chamberlain já Laval tinha pen-
sado o mesmo; e se a aliança militar entre a U.R.S.S.
e a França caducou com a traição de Munich foi por-
que a U.S.S.S. se apercebeu que queriam que ela tirasse
as castanhas do lume... A traição à Espanha popular
e outros jogos mirabolantes das "democracias", aca-
bou por demonstrar que sem diferenças o imperialismo
preparava outra guerra. Londres tem agora aquilo que
deixou fazer a Madrid e a França o mesmo. O certo
é que o capitalismo se afunda e a derrocada já
tem os seus efeitos no revoltado povo italiano. O mes-
mo esperamos em todos os outros povos, o que será certo.